
AS RAZÕES DA CIDADE

Luis Fernando Veríssimo*

“Urbano” quer dizer da cidade e também quer dizer cortês, afável, civilizado. As regras da civilização são as regras do convívio humano e uma cidade deveria ser uma lição de convívio. Não sei se algum dia já foi. Não se deve invocar as velhas cidades com muito entusiasmo. Se elas hoje parecem representar um ideal de urbanidade perdido, na sua época representavam relações de poder e servitude que ninguém pode querer de volta. Nas grandes cidades da Renascença o convívio civilizado era privilégio de uns poucos e o que o turista hoje toma como exemplos de uma idílica integração de arquitetura, arte, poder e comunidade era a mesma conspiração medieval da Igreja e do Estado para viverem às custas da pobre maioria, só que com melhor gosto. As cidades sempre cresceram ao sabor da conveniência comercial e de uma ditadura de privilegiados. Nunca, deliberadamente, do interesse comum e muito menos da civilidade.

Paris no século XIX, para muitos o exemplo máximo tanto de urbanismo quanto de urbanidade foi, por certo,

* Jornalista e escritor, residente em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

uma boa tentativa. O traçado dos seus grandes boulevards era não apenas a projeção urbanística do racionalismo francês e do sentimento arrebatado da época — a expansão colonial, a industrialização, as manias da ciência e do novo — como uma idéia definida do que deveria ser a experiência urbana numa metrópole. Mas os boulevards também foram construídos porque o exército queria espaços maiores e mais ordenados para controlar o proletariado da capital. Há até quem diga que se os boulevards tivessem sido construídos antes, não teria havido a Revolução Francesa.

Se as velhas cidades européias são falsos exemplos da harmonia que se quer entre urbanismo e necessidade social, são valiosas, mesmo assim, só por serem velhas. Isto é: hoje um novo barão de Haussmann não conseguiria arrasar quarteirões do centro de Paris para suas avenidas com o mesmo desprendimento que teve no século dezenove. As velhas cidades, como as velhas prostitutas, estabelecem leis de respeito pela sua antigüidade, por menos respeitáveis que tenham sido na juventude. O contraste entre o moderno e o antigo em Paris — só para ficarmos neste exemplo conveniente — é enorme e lá a especulação imobiliária precisa pedir desculpas a cada passo que dá. As velhas cidades permanecem como símbolos da reprovação ao novo pelo novo, ao desordenado pelo lucro rápido, ao feito pela conveniência.

No mundo novo a especulação capitalista não tem este constrangimento. Não existe outra determinante para a expansão das nossas cidades que não seja o lucro. A débil defesa que aqui se faz do antigo, muitas vezes de discutível valor histórico, tem o tom patético de alguém tentando inventar um passado para depois defendê-lo. Mas a intenção é a de preservar um contraste, qualquer contraste, para o novo destruidor, uma alternativa para a fúria especulativa.

Pode-se argumentar que é injusto comparar épocas, simplesmente, e automaticamente condenar o presente em contraste com o passado. Que o que deve ser comparado é a exigência de cada época. Coisas como a proliferação do automóvel e a concentração demográfica nas grandes cida-

des são fenômenos recentes que invalidam qualquer comparação do presente com o passado. Mas o que condena o urbanismo atual é justamente que ele não soube adaptar a cidade às suas novas exigências. Mudaram as relações de poder entre Igreja, Estado, senhor e servo, mas as cidades continuam sendo monumentos ao privilégio e à divisão por castas. Ao anticonvívio. As mudanças continuam acontecendo por imposição econômica, não por planejamento democrático. Nas grandes cidades americanas os ricos abandonaram o centro dos seus bairros para o subproletariado e os ratos e mudaram-se para os subúrbios onde, não raro, constroem pequenas e nostálgicas aldeias, centros comerciais e culturais que só não são modelos de bom convívio porque servem a uma única classe. Resolveram o problema social afastando-se dele. Em cidades como Porto Alegre pretendeu-se o contrário, preservar o centro e suas adjacências para a burguesia e exilar os servos para a periferia. Mas a miséria converge para o centro e assalta à luz do dia. O terror de nossas cidades é que o problema social insiste em não conhecer o seu lugar. Encurralou a burguesia em shopping-centers e condomínios de segurança máxima, e se apossou da cidade.

Cortês, afável, civilizado... A descrição corresponde a algum concidadão seu? O homem urbano, hoje, é um produto do fracasso da cidade em compreender sua função. Descortês, irritado e cada vez menos civilizado, ele perdeu sua urbanidade antes mesmo de a ter. A cidade como uma conquista da solidariedade não deu certo. Mas também é preciso não sucumbir ao velho reacionarismo pastoral que, segundo Bogdan Bogdanovic escreveu num recente "New York Review of Books", opõe-se à cidade não pelo seu fracasso mas pelo seu possível sucesso na construção de uma verdadeira urbanidade.

Bogdanovic é um arquiteto que mora em Belgrado, cidade da qual já foi prefeito. Sua tese é que a história da civilização tem sido uma luta constante entre a cidade e seus inimigos. Que a destruição aparentemente insensata de cidades como acontece hoje na ex-Iugoslávia tem sua lógica dentro deste ódio antigo a tudo que o urbano representa.

Ele acha que o bombardeio de Dubrovnik, por exemplo, foi um ritual. Teve menos a ver com geopolítica e conflitos étnicos do que com o velho horror reacionário à cidade, um horror que atravessa a história humana desde os tempos bíblicos. Ou desde as primeiras cidades.

O texto de Bogdanovic é um lamento pelo que seus concidadãos estão fazendo aos tesouros arquitetônicos do seu ex-país e ele tem todo direito à sua revolta e ao exagero da sua tese, mas ela não é tão simplista assim. A cidade é a representação da queda e da insubmissão do homem. O horror à cidade está em todas as religiões. Toda cidade é Babel, onde o homem ousou desafiar o Pai, ou Sodoma, onde o homem é corrompido pela proximidade com o outro — mas pode aprender a viver com o outro, o que é uma ameaça ainda maior a valores patriarcais e raciais. O convívio possível com o oposto é a lição mais intolerável do demônio que habita nas cidades. O demônio construiu suas cidades no Norte, disse Santo Agostinho, contrastando-as com a sua mística cidade na colina iluminada pela luz de um Deus mediterrâneo e inquestionável, longe das perdições da indústria. Uma das pragas do Alcorão é: todas as cidades do mundo serão destruídas e seus habitantes transformados em macacos.

O horror à cidade é reincidente na literatura, onde cosmopolitismo e decadência muitas vezes são sinônimos. A arquitetura e o urbanismo são as artes preferidas do facismo porque a substituição do prédio antigo pelo monumento e da ruela pelo pátio de desfiles é a representação concreta do triunfo de virtudes restauradas sobre os vícios acumulados da cidade. Todo bombardeio é, consciente ou inconscientemente, uma limpeza de terreno para a construção da cidade celebratória dos sonhos totalitários. A cidade sem becos e sem conflitos, a cidade submissa, a anti-cidade.

Nossas cidades não são bombardeadas, mas são zonas de guerra onde a possibilidade do convívio foi há muito esquecida, se algum dia foi aprendida. E às vezes a destruição também é ritualizada, como no massacre de meninos

de rua em frente à igreja da Candelária, no Rio de Janeiro. Um bando a soldo de privilegiados surpreendeu o inimigo dormindo e atirou em suas cabeças, friamente. Como se estivessem, de longe, mandando morteiros sobre Dubrovnik. Ou como se matassem macacos.

A cidade é o caminho para qualquer idéia de convívio, a nostalgia pelo pastoral não passa de saudade de outra ordem da tirania. O que é preciso é resgatar a cidade dos seus horrores e construí-la de novo. Desta vez para todos.